

A ciência em Camões



LONGEMIRA

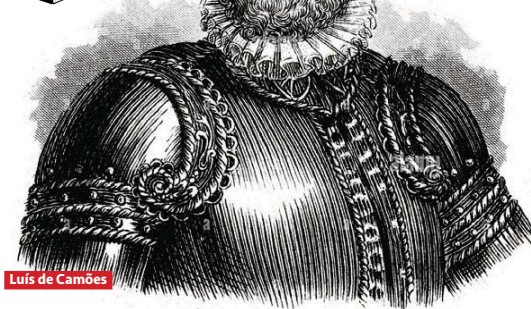
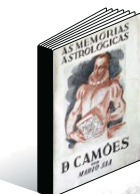
Carlos Fiolhais

■ Não se sabe ao certo quando nasceu Luís de Camões, embora o ano de 1524 seja convencionalmente aceite. Em 1924 celebraram-se os seus 400 anos e em 2024 deviam-se celebrar os 500 anos. De facto, o governo nomeou uma comissão das comemorações, a camonista Rita Marnoto, prof^a da Universidade de Coimbra, mas parece que se esqueceu de orçamentar a verba necessária.

A discussão sobre o nascimento do nosso maior poeta tem sido curiosa. Há, inclusivamente uma previsão astrológica feita pelo poeta Mário Saa, pseudónimo de Mário Cunha e Sá (1893-1971), que estudou Engenharia, Matemática e Medicina em Lisboa sem nunca ter acabado nenhum curso.

No seu livro *As Memórias Astrológicas de Camões* (Empresa Nacional de Publicidade, 1940; e Edições do Templo, 1978), concluiu, com base em alguns poemas e numa carta astrológica (a capa original, de Eduardo Malta, representa Camões empunhando essa carta), que o poeta nasceu em 23 de janeiro de 1524, às 20h40. Esta conclusão não tem obviamente grande valor, conforme reconheceu o filósofo Josué Pinharanda Gomes (1939-2019), na longa recensão que fez ao livro de Saa num seu artigo em *Mário Saa. Poeta e Pensador da Razão Matemática* (Manuel Cândido Pimentel e Teresa Dugos, eds., Universidade Católica, 2012). Em 2009, no blogue *De Rerum Natura*, a matemática Carlota Simões retomou a data de Saa, baseando-se nalguns versos de um soneto (“O dia em que eu nasci, morra e pereça”) e na ocorrência de um eclipse solar precisamente um ano antes da alegada data de nascimento. As únicas coisas certas são que esse eclipse existiu e que o suposto dia de aniversário foi a um sábado (Saa escreveu ao Observatório Astronómico de Lisboa, que lhe confirmou que 23 de janeiro de 1524 foi um sábado). Os estudiosos de Camões continuam divididos, mas praticamente ignoram a conjectura de Saa.

No tempo de Camões a astrologia confundia-se com a astronomia, que só viria a emergir tal como é hoje com os trabalhos de Galileu e de Kepler no início do século XVII (*Os Lusíadas* saíram em 1572). Para reconhecer que o poeta tinha um vasto conjunto de conhecimentos astronómicos basta ler a sua epopeia. Luciano Pereira da Silva (1864-1926), prof. de Matemática da Universidade de Coimbra, escreveu uma série de artigos na revista daquela instituição entre 1913 e 1915, que saíram numa separata intitulada *A Astronomia nos Lusíadas* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 1915), da qual foi feita uma reedição pela



Luís de Camões

Camões, que deve ter estudado em Coimbra, estava bem informado sobre o sistema do mundo ptolemaico, que então vigorava – e que era ensinado na Universidade por Pedro Nunes, o detentor da cátedra de Matemática, seu contemporâneo

Junta de Investigações do Ultramar em 1972, com introdução de Luís de Albuquerque, também ele prof. de Matemática em Coimbra e especialista em história da náutica. Ainda hoje esse livro é indispensável para quem queira conhecer a ciência contida n’ *Os Lusíadas* e as eventuais fontes do seu autor. Em 2014 o Museu da Ciência de Coimbra organizou um colóquio, do qual foram publicadas atas, para assinalar os 150 anos de Pereira da Silva.

Camões, que deve ter estudado em Coimbra, estava bem informado sobre o sistema do mundo ptolemaico, que então vigorava (e que era ensinado na Universidade por Pedro Nunes, o detentor da cátedra de Matemática, seu contemporâneo). Pode perguntar-se por que razão não usou o sistema heliocêntrico, publicado no famoso livro de Copérnico de 1543. Nunes conhecia esse livro, mas nem ele nem os outros

cientistas da época lhe deram grande atenção. Só mais tarde Galileu e Kepler fizeram vingar o heliocentrismo.

UM LIVRO BASTANTE ÚTIL SOBRE A CIÊNCIA n’ *Os Lusíadas* é do astrónomo brasileiro Ronaldo Rogério Mourão (1935-2014), *Astronomia em Camões* (Lacerda, Rio de Janeiro, 1998). O mais moderno em Camões não é tanto a “máquina do mundo” que ele descreve em pormenor, mas o relevo da observação e experiência dos “rudos marinheiros” (escreveu no canto V: “Os casos vi, que os rudos marinheiros, / Que têm por mestra a longa experiência, / Contam por certos sempre e verdadeiros, / Julgando as cousas só pela aparência, / E que os que têm juízos mais inteiros, / Que só por puro engenho e por ciência / Vêm do mundo os segredos escondidos, / Julgam por falsos ou mal entendidos.” Não podemos esquecer que o próprio Camões embarcou para a Índia. O poeta renascentista, ao descrever a viagem de Vasco da Gama, revelou-se pioneiro do espírito empírico que haveria de reger a ciência moderna.

Foi na Índia que Camões publicou os seus primeiros versos impressos. E aqui há uma curiosa associação à ciência: eles foram publicados como introito a uma obra científica, *Colóquios dos Simples*, do médico Garcia de Orta, impressos em Goa em 1563. Camões deve ter sido amigo de Orta, pois só assim se entende a aparição de numerosas e precisas referências a plantas n’ *Os Lusíadas*. O botânico Jorge

Paiva, da Universidade de Coimbra, num artigo sobre a flora na obra de Camões (em António Andrade et al., *Humanismo e Ciência: Antiguidade e Renascimento*, Universidades de Aveiro e Coimbra, 2015), identificou c. 50 espécies n’ *Os Lusíadas* e c. 35 na lírica, sendo orientais a maior parte das que aparecem no poema épico (há, porém, plantas dos campos do Mondego na ilha dos Amores). Antes de Paiva, outros especialistas trataram do tema, como o conde de Ficalho (1837-1903), que fez uma edição dos *Colóquios dos Simples* (1891-92) e que escreveu a *Flora nos Lusíadas* (1880; ed. recente: Hiena, 1994). E outra é o livro do engenheiro agrónomo Joaquim Vieira da Natividade, *A Flora na Lírica de Camões* (Academia das Ciências, 1970).

Outras ciências podem ser referidas a propósito de Camões. Jorge de Sena e Vasco Graça Moura trataram facetas matemáticas, designadamente a “divina proporção,” em obras bem conhecidas. Orlando Ribeiro estudou a geografia camoniana num trabalho de 1980 na revista *Fhnisteria*. O brasileiro Pedro Nava publicou *A Medicina de Os Lusíadas* (Ateliê Editorial, São Paulo, 2004). Menos conhecida, por se tratar de uma edição do autor, é a obra do engenheiro químico, prof. da Universidade de Coimbra, Armando Tavares da Silva, *Camões e a Química. A Química em Camões* (2010). O autor, que fazia investigação em história, faleceu há um ano, mas este belo e raro livro lembra-me, na minha biblioteca, a oferta que me fez. **JL**